



***Insel Felsenburg* de J. G. Schnabel:  
uma utopia e robinsonada alemã no século das luzes**

***J. G. Schnabel's Insel Felsenburg: A German Utopia  
and Robinsonade in the Age of Enlightenment***

Helmut Galle

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

helmut\_galle@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8563-6080>

**Resumo:** O artigo descreve o lugar histórico do romance *Insel Felsenburg* de Johann Gottfried Schnabel como robinsonada e utopia no contexto do iluminismo e do pietismo alemães, com ênfase na primeira parte, de 1731. Além de ser um importante passo na evolução da utopia burguesa mediante ficção romanesca, o livro ocupa uma posição interessante no surgimento do romance moderno em língua alemã e na consolidação da ficcionalidade. No prefácio, o editor fictício apresenta um discurso irônico e ambíguo que, por um lado, defende a legitimidade da ficção e, por outro, nega que o texto que segue não seja verdadeiro. Esses aspectos receberam cada vez mais atenção por parte da germanística nas últimas décadas.

**Palavras-chave:** romance; robinsonada; utopia; iluminismo; ficcionalidade; *Insel Felsenburg*.

**Abstract:** The article describes the historical context of the novel *Insel Felsenburg* by Johann Gottfried Schnabel as robinsonade and utopia within German enlightenment and pietism, laying special emphasis on the first part, published in 1731. Besides being an important step for the evolution of the bourgeois utopia through Romanesque fiction, the book occupies an interesting position in the emergence of the modern novel in German language and in the consolidation of fictionality. In the preface, the fictitious editor presents an ironical and ambiguous discourse, defending the legitimacy of fiction

on one hand and denying that the following text was not truthful. These aspects have received growing attention from scholars of German literature in the last decades.

**Keywords:** novel; robinsonade; utopia; enlightenment; fictionality; *Insel Felsenburg*.

## Autor e obra

O romance alemão mais importante entre o *Simplicissimus* de Grimmelshausen (1668) e o *Agathon* de Wieland (1766/67) é *Wunderliche Fata einiger See-Fahrer* (1731-1744), de Johann Gottfried Schnabel, logo batizado de “*Insel Felsenburg*” (Ilha Felsenburg) para abreviar o extenso título barroco. O romance foi um dos mais lidos em terras de língua alemã no século XVIII, embora menosprezado pelas autoridades pedagógicas e pelos representantes da literatura iluminista. Nas últimas décadas, o livro atraiu considerável atenção da germanística como utopia e como narrativa de transição entre o barroco e o iluminismo. Schnabel recebeu um impulso decisivo do *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, e, no prefácio, o autor menciona esse romance e suas “inúmeras adaptações por quase todas as nações” (SCHNABEL, 2002, p. 5 s.). Apesar dessa dependência evidente, o livro alemão vai muito além de uma mera adaptação. É verdade que ambos formulam uma ética do trabalho como fundamento da civilização em contextos geográficos exóticos, afirmada por uma religiosidade protestante, e usam a narrativa ficcional para evidenciar o possível sucesso dessa ética. *Insel Felsenburg*, no entanto, configura-se não como exílio da civilização, mas como asilo: uma alternativa melhor para uma Europa feudal, corrupta e violenta.

Os colonos, a prole do primeiro casal náufrago na ilha, convivem em uma espécie de comunidade patriarcal e igualitária, guiada pelos Dez Mandamentos e os demais preceitos da confissão evangélica. Além da descrição do surgimento e da evolução dessa sociedade utópica, o livro consiste das inúmeras narrativas contadas pelas diversas pessoas que, com o passar do tempo, chegam à ilha, cada uma com sua história de fracassos, humilhações e infortúnios, desenhando a Europa contemporânea do início do século XVIII com tons consideravelmente sombrios. Há, porém, ainda um terceiro aspecto: semelhante a *Robinson Crusóé* na literatura

inglesa, *Insel Felsenburg* ocupa um lugar central na fase transicional para o romance moderno alemão. No que segue, vou tentar esboçar essas características de um livro sobre o qual não existem comentários atuais no Brasil – Carpeaux (2008, p. 696) dedicou algumas linhas a Schnabel no segundo volume da sua *História da literatura ocidental* –, concentrando-me na primeira das quatro partes que o compõem. Johann Gottfried Schnabel<sup>1</sup> nasceu em 1692 em Stolberg, norte da Alemanha, e perdeu seus pais aos dois anos de idade. Tornou-se discípulo da Escola Latina das famosas Fundações Francke em Halle, instituição pedagógica do protestantismo pietista e uma vanguarda no atendimento aos pobres no início do século das luzes. Em seguida, o jovem formou-se como barbeiro (na época uma combinação de cirurgião e cabelereiro) e serviu durante vários anos na Guerra de Sucessão Espanhola (1708-1712). Em 1724 apareceu como cidadão de Stolberg, servindo aos condes de Stolberg como barbeiro e camareiro e, além disso, trabalhando como “editor e autor de jornal, comissionado de livros, agente de loteria e romancista” (WAGNER-EGELHAAF, 1997, p. 254). Além das quatro partes de *Insel Felsenburg*, Schnabel escreveu mais dois romances e uma biografia do príncipe Eugênio de Saboia, comandante sob o qual servia na guerra. O autor morreu provavelmente em 1745.

O mais exitoso dos seus textos foi *Insel Felsenburg*, publicado sob o pseudônimo de “Gisander”, seguindo ainda uma prática do século anterior. De acordo também com uma prática do período barroco, seu livro tem um título que resume o conteúdo da ação no frontispício.<sup>2</sup>

Destinos milagrosos de alguns navegantes, particularmente de Albertus Julius, um saxão de nascimento, que se alistou aos 18 anos de idade, foi lançado em naufrágio a um terrível rochedo, descobriu após subir neste o país mais belo, casou-se lá com sua companheira, gerou desse casamento mais que 300 almas, cultivou a terra de maneira excelente, colecionou tesouros surpreendentes por meio de acasos particulares, tornou felizes seus amigos redescobertos na Alemanha, vivia, no fim de 1728, no seu centésimo ano ainda ágil e saudável, e provavelmente

---

<sup>1</sup> Sobre a vida cf. Weber (1993) e Schubert (2007).

<sup>2</sup> O *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, que saiu 12 anos antes de *Insel Felsenburg*, apresenta o mesmo tipo de título “barroco”. O romance inglês recebeu quatro traduções alemãs já no ano de 1720.

vive até esta data, concebido pelo filho do filho do filho do seu irmão, S. Eberhard Julius, porém divulgado para o presumido deleite das almas dos leitores curiosos e expedido à impressão mediante comissão por Gisander. (SCHNABEL, 2002, p. 3, tradução nossa)<sup>3</sup>

Podemos, para um público contemporâneo, resumir a diegese ainda da seguinte forma: Eberhard Julius recebe a notícia de que seu tio-bisavô, Albert Julius, vive, aos 97 anos, numa ilha escondida no Atlântico do Sul, onde se salvou de um naufrágio décadas atrás. A ilha paradisíaca agora alberga uma grande comunidade de pessoas que vivem em harmonia e prosperidade numa espécie de utopia bíblica: afastadas das sociedades hierárquicas europeias, guiadas pelos princípios do protestantismo, unidas por laços de família e governadas por um patriarca benévolo. Eberhard e mais alguns europeus são levados para a ilha e decidem permanecer.

---

<sup>3</sup> “Wunderliche Fata einiger See-Fahrer, absonderlich Alberti Julii, eines gebohrnen Sachsens, Welcher in seinem 18den Jahre zu Schiffe gegangen, durch Schiff-Bruch selb 4te an eine grausame Klippe geworffen worden, nach deren Übersteigung das schönste Land entdeckt, sich daselbst mit seiner Gefährtin verheyraethet, aus solcher Ehe eine Familie mit mehr als 300. Seelen erzeuget, das Land vortrefflich angebauet, durch besondere Zufälle erstaunens-würdige Schätze gesammelt, seine in Teutschland ausgekundschaftten Freunde glücklich gemacht, am Ende des 1728sten Jahres, als in seinem Hunderten Jahre, annoch frisch und gesund gelebt, und vermuthlich noch zu dato lebt, entworffen Von dessen Bruders-Sohnes-Sohnes-Sohne, Mons. Eberhard Julio, Curieusen Lesern aber zum vermuthlichen Gemüths-Vergnügen ausgefertiget, auch par Commission dem Drucke übergeben Von Gisandern”.

FIGURA 1 – O título da 1ª edição de 1731

Wunderliche  
**F A T A**  
 einiger  
**See = Sahrer,**  
 absonderlich  
**ALBERTI JULII,**  
 eines geböhrnen Sachsen,  
 Welcher in seinem 18<sup>ten</sup> Jahre zu Schiffe  
 gegangen, durch Schiff-Bruch selb 4te an eine  
 grausame Klippe geworffen worden, nach deren Übersteigung  
 das schönste Land entdeckte, sich daselbst mit seiner Gesehrtin  
 verheiratet, aus solcher Ehe eine Familie von mehr als  
 300. Seelen erzeuget, das Land vortreflich angebauet,  
 durch besondere Zusätze erlauchens-würdige Schätze ge-  
 samlet, seine in Teurschland ausgekundschafteten Fremde  
 glücklich gemacht, am Ende des 1729sten Jahres, als in  
 seinem Hunderten Jahre, annoch frisch und gesund gelebt,  
 und vermuthlich noch ja daro lebt,  
 von dessen Bruders-<sup>ersteren</sup> Söhnes-<sup>ersteren</sup> Söhnes-<sup>ersteren</sup> Söhne,  
**Monf. Eberhard Julio,**  
 Curieuses Lesern aber zum vermuthlichen  
 Gemüths-Vergnügen ausgefertiget, auch per Commission  
 dem Drucke übergeben  
 Von  
**G I S A N D E R N.**  
 H O R D E Z U S E N,  
 Bei Johann Heinrich Groß, Buchhändler.  
 Anno 1731.

Fonte: Insel Felsenburg (2020).

## Recepção

As quatro partes, com cerca de 2.500 páginas, foram publicadas sucessivamente em 1731, 1732, 1736 e 1744. A primeira parte teve sete reedições até 1768, a quarta parte teve ainda cinco edições até 1769 (MEID; SPRINGER-STRAND, 2002, p. 594). O sucesso do livro no século XVIII pode ser comprovado pelas sete reedições até 1770 (NENHOFF, 2016, p. 17) e sua presença nas bibliotecas públicas. Karl Philipp Moritz, autor de *Anton Reiser*, o primeiro romance psicológico alemão, baseado na sua própria experiência, documenta o impacto da leitura de *Insel Felsenburg* no jovem protagonista do título, sob a ameaça constante da censura do pai pietista, que considerava nocivo qualquer livro além das obras edificantes do quietismo.<sup>4</sup> Junto com *Telêmaco* e *Robinson Crusóé*, o romance de Schnabel esteve também entre as primeiras leituras do pequeno Goethe (2017, p. 53), como este conta em *Poesia e verdade*. A grande popularidade do livro entre a juventude e leitores menos cultos foi recriminada por teólogos e educadores e menosprezada na crítica literária. Lessing (2003, p. 58), o maior crítico literário daquelas décadas, se serviu de *Insel Felsenburg* como exemplo para comparar, em 1754, na resenha de um romance trivial recente, que este seria “infinidamente mais miserável do que o original” – ou seja: *Felsenburg* é um romance trivial, mas de um certo nível. O juízo de Lessing se devia, provavelmente, ao estilo já antiquado e às aventuras contadas em série; assim, o livro já não podia competir com modelos mais avançados, como o romance epistolar sentimentalista de Gellert (“A vida da condessa sueca de G.”, de 1747/48), orientado em Richardson.

O desenvolvimento do romance como gênero, naquele momento, se deu de forma muito rápida e intensa na Inglaterra e na França, e continuaria, cerca de duas décadas depois, por Wieland e Goethe na Alemanha.<sup>5</sup> O menosprezo de Schnabel por parte da crítica literária

---

<sup>4</sup> “Aquelas foram algumas das horas mais doces de sua vida. [...] A narrativa de *A Ilha Felsenburg* teve um efeito muito forte sobre Anton, pois durante algum tempo suas ideias diziam respeito tão somente a ter um papel de destaque no mundo e atrair ao redor de si primeiro um pequeno círculo de pessoas, do qual ele seria o centro, e depois cada vez maior [...]” (MORITZ, 2018, p. 38)

<sup>5</sup> A partir do *Agathon*, de Wieland (1766/67), os autores logo atingem o nível europeu com *Werther* (1774), *Anton Reiser*, de Moritz (1785/86), e *Wilhelm Meister* (1795/96), também de Goethe.

muda na geração dos românticos. Enquanto Lessing recomendava certos livros ainda de forma irônica, como leitura de algo extremamente ruim e, por isso, muito divertido, Ludwig Tieck, no diálogo que serve de prefácio à nova edição (redigida) de *Insel Felsenburg*, faz uma defesa da onda de romances publicados desde 1750, incluindo os produtos populares “menores”. Quando o interlocutor mais cético do diálogo reclama da “escrita barbárica” do romance de Schnabel, que tanto destoa dos contemporâneos Richardson e Fielding, o defensor (e porta-voz do próprio autor) alega o atraso dos alemães causado pela Guerra de Trinta Anos e instrumentaliza a distinção entre “literatura ingênua e sentimental” de Schiller, afirmando que Schnabel representa um estágio menos artificial e culto, mas também sem qualquer “morbidez e doce debilitação, consciência falsa e arrogância literária” (TIECK, 2013, p. 562). Criticando, *en passant*, os excessos da estética do gênio, ele alega:

Mas exatamente porque essa crônica cândida da ilha e a vida do patriarca, assim como as narrações dos habitantes e recém-chegados, têm origem naquele tempo ingênuo, elas são, no nosso tempo confuso e desafinado, de repente e mais do que muitas outras coisas divertidas e instrutivas, elas podem até ficar edificantes para alguém que não sabe mais salvar-se de tanta onisciência. Esse autor, que escreveu muitos livros naqueles anos, mostra um versátil conhecimento da sua era e do saber de então, a química, a astrologia e a arte de fazer ouro não lhe eram alheias, ele observou os seres humanos com olhar agudo e acertado. Particularmente interessantes são as diversas descrições de vidas dos colonos que documentam quase todas a profissão verdadeira do escritor. (TIECK, 2013, p. 563, tradução nossa)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> “Aber eben, weil jene treuherzige Chronik der Insel, und das Leben des Altvaters, so wie die Erzählungen der Bewohner und Ankömmlinge, aus jener naiven Zeit herrühren, sind sie in unserer verwirrten und verstimmten Zeit von neuem, und mehr wie so vieles anderes, ergötzlich und lehrreich, ja sie können für Manchen, der vor Allwissen nicht aus und ein weiß, wahrhaft erbaulich werden. Dieser Autor, welcher in all jenen Jahren viele Bücher geschrieben hat, zeigt eine vielseitige Kenntniß seines Zeitalters und des damaligen Wissens, auch Chemie, Astrologie und die Goldmacherkunst sind ihm nicht fremd, er hat die Menschen mit scharfem und sicherem Auge beobachtet. Vorzüglich interessant sind die mannigfaltigen Lebensbeschreibungen der Colonisten, von denen fast alle den echten Beruf eines Schriftstellers bekunden”.

No século XX, o livro de Schnabel foi propagado por Arno Schmidt, eminente escritor experimental do pós-guerra que manteve um gosto especial pelo século XVIII e certos autores negligenciados na academia, sobretudo aqueles que não se contentaram com o andamento injusto do mundo. Schmidt dedicou três ensaios a *Insel Felsenburg*, defendendo inclusive a hipótese de que a ilha podia ser identificada com Tristão da Cunha por sua localização afastada dos continentes, seu clima e sua topografia – hipótese contestada por outros posteriormente (GUTHKE, 2011). A partir dessa apologia, o romance ganhou várias reedições, também integrais (SCHNABEL, 1997), e atualmente conta com uma bibliografia ampla e continuada.

Os primeiros trabalhos da germanística sobre *Insel Felsenburg* ocuparam-se com o gênero da robinsonada e sua relação híbrida com a utopia (HETTNER, 1854; BRÜGGEMANN, 1914), além de realizarem pesquisas biográficas sobre o autor. Desde a década de 1980, grande ênfase foi colocada na configuração da utopia no contexto do surgimento da burguesia (STOCKINGER, 1981; VOSSKAMP, 1982; GRIMMINGER, 1984; HÖPPNER, 2006-2008; STOCKINGER 2013-17; NENOFF, 2016; VOSSKAMP, 2016); alguns trabalhos analisaram a obra no que diz respeito à constituição do sujeito (JANNIDIS, 1996) e à melancolia (WAGNER-EGELHAAF, 1997); e mais recentemente o livro atraiu a atenção de autores que estudam o surgimento da ficcionalidade e do romance no século das luzes (FRIEDRICH, 2009; KUHN, 2018).

### ***Insel Felsenburg*, *Robinson Crusóe* e as robinsonadas alemãs**

Entre as robinsonadas em língua alemã, *Insel Felsenburg* não é a primeira, nem a última.<sup>7</sup> Já o final do romance de Grimmelshausen (2008) contém um episódio sobre o naufrágio numa ilha tropical e a vida solitária sob condições fora da civilização, inspirado pelo livro *The Isle of Pines* de Henry Neville, publicado em 1668 – uma robinsonada *ante litteram*; a *Continuatio*, último volume do *Simplicissimus* de Grimmelshausen, saiu no ano seguinte. Semelhante aos habitantes de Felsenburg, o protagonista não tem nenhuma saudade da Europa e prefere concluir seus dias em paz e piedade em sua ilha deserta. Em 1721 saiu *Der holländische Robinson*

---

<sup>7</sup> A apresentação dos livros mais relevantes neste parágrafo se deve à falta de traduções para o português e o desconhecimento das obras pelos estudiosos brasileiros.



*Heinrich Texel* (“O Robinson holandês, Heinrich Texel”) e em 1723 *Der französische Robinson* (“O Robinson francês”). Ambos os livros eram reelaborações de relatos de naufragos mais antigos, concebidos ao modelo do *bestseller* inglês. Em 1779, saíram o *Robinson Crusoe* de Johann Karl Wezel, autor de romances satíricos, e *Robinson der Jüngere* (“Robinson o mais jovem”), de Johann Heinrich Campe, livro que atingiu 120 reedições até 1900 (SCHÖNERT, 2007, p. 97). O primeiro é uma sátira aguda sobre uma sociedade fundada nas virtudes burguesas que termina em guerra total (Wezel e sua obra toda aliás mereceriam estudos atuais); o segundo pode ser considerado como um dos primeiros livros explicitamente dirigidos à juventude e realiza, de forma dialógica, um programa de educação para as virtudes burguesas da produtividade, do empenho, do comedimento, da pontualidade, etc.

Ainda no século XIX, o pastor David Wyss publicou *Der schweizerische Robinson* (1812, “O Robinson suíço”), ficção sobre uma família inteira com dois cachorros que sofre naufrágio e recomeça a vida em uma ilha tropical. Escrito inicialmente para ensinar os filhos do autor, foi traduzido para mais línguas do que qualquer outro livro suíço até hoje e influenciou, entre outros, *Masterman Ready* (1841) de Frederick Marryat e *L'école des Robinsons* (1882) de Jules Verne. *Die Höhlenkinder* (“As crianças das cavernas”, 1918-1920) é a saga tripartida do boêmio Alois Theodor Sonnleithner (pseudônimo de Alois Tluchoř), sobre dois moços e uma moça que, abandonados e refugiados num vale dos Alpes durante a Guerra de Trinta Anos, sobrevivem adaptando-se à natureza selvagem nas modalidades dos homens pré-históricos. A trilogia também foi muito exitosa e continua nas bibliotecas de leitura juvenil até hoje. Depois da Segunda Guerra há também dois livros importantes que retomam a narrativa do homem/da mulher solitário/a, agora no contexto pós-catástrofe nuclear.

Em 1951, o já mencionado Arno Schmidt publicou seu conto *Schwarze Spiegel* (“Espelhos negros”) (SCHMIDT, 2017), no qual um misantropo se contenta com seu destino de último homem do mundo, apreciando o acesso livre a museus e bibliotecas e vivendo de rações do estoque militar britânico no norte da Alemanha; seu encontro com a suposta última mulher não resulta em relacionamento estável: ela não quer compartilhar a vida sedentária do protagonista. Em *Die Wand* (“A parede”, 1963), romance da austríaca Marlen Haushofer, a protagonista de 40 anos se vê, de repente, separada por uma parede transparente do

resto do mundo, onde os seres humanos parecem congelados no tempo. Ela começa uma vida de agricultora com as plantas e os animais que sobraram no seu espaço limitado. Quando um homem aparece e mata a vitela e o cachorro da mulher com um machado, ela pega seu fuzil de caça e acaba tranquilamente com este último exemplar masculino da sua raça. O livro recebeu muita atenção nos estudos feministas e, ultimamente, também no contexto dos *animal studies*, foi filmado em 2011. Gostaria de mencionar, como último livro, o romance *Kruso* (2014), de Lutz Seiler. A relação com Defoe se dá pela configuração da trama: o pano de fundo é a ilha de Hiddensee, no Mar Báltico, lugar que albergou, durante os últimos anos da Alemanha oriental socialista, artistas, *outsiders* e *dropouts*, assim como serviu de ponto de partida para fugas arriscadas, 70 quilômetros através do mar para a Dinamarca (174 pessoas morreram ali, ao longo dos anos). O russo Alexey Krusowitsch é o centro espiritual da equipe de um restaurante, refúgio dos “náufragos” da RDA e uma espécie de utopia comunista dentro do fracasso do socialismo real; o ex-estudante Ed ocupa o lugar do “Freitag” (Sexta-Feira) e sobrevive, nessa “arca”, o processo da dissolução do seu estado.

Entre todas essas robinsonadas alemãs, o livro de Schnabel tem a configuração utópica mais evidente e sistemática: a visão de uma sociedade pacífica e comunitária é desenvolvida em contraste com a Europa corrupta e decadente. Se Robinson Crusoe, em Defoe, considera sua ilha um exílio e sente saudade da Grã-Bretanha, os habitantes de Felsenburg encontraram um verdadeiro asilo e não querem voltar de nenhuma maneira para a Europa (BRÜGGEMANN, 1914). Assim alega uma das personagens:

Rever minha pátria ou um único lugar da Europa nunca era meu desejo, por isso abandonei meus bens modestos e meu amigo Schimmer e os deixei de bom grado para estrangeiros, estou também decidido a prestar agradecimentos ao céu incessantemente até o meu fim porque ele me levou a tal lugar, onde as virtudes são encontradas na sua beleza inata, os vícios, ao contrário, são quase por completo banidos e expulsos. (SCHNABEL. 2002, p. 325, tradução nossa)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> “Mein Vaterland, oder nur einen einzigen Ort von Europa wieder zu sehen, ist niemals mein Wunsch gewesen, derowegen habe mein weniges zurück gelassenes Vermögen, so wohl als Schimmer, gern im Stich gelassen und frembden Leuten gegönnet, bin

Desde o início, não se trata de pessoas que sofrem solidão: o casal inicial procria excessivamente e a comunidade cresce constantemente, também mediante outros náufragos que são integrados. Apesar dessa diferença marcada, existem vários paralelos que justificam falar de uma robinsonada.

O mais evidente é o *plot* do naufrágio longe da civilização e a sobrevivência numa ilha tropical. A natureza da ilha Felsenburg é, desde o início, muito mais propícia para os seres humanos em comparação com os obstáculos que Robinson enfrenta para sua sobrevivência. Ambos os romances respiram o fascínio do exótico de terras desconhecidas compartilhando esse traço com relatos de viagens e livros de aventuras. As ferramentas e os alimentos salvos da carcaça servem de base para o começo também na ilha Felsenburg. Diferentemente de Defoe, Schnabel deixa sobreviver quatro pessoas, o protagonista alemão, Albert Julius, servo e amigo de um aristocrata holandês, van Leuven, a noiva deste, Concordia Plürs, e o capitão francês Lemelie. O trabalho se distribui, dessa forma, a mais pessoas – ainda que Lemelie se revele logo um canalha pouco cooperativo. Ao mesmo tempo, a trama desenvolve outra dinâmica: Robinson Crusó se vê atacado pelo desespero e a solidão – os protagonistas de Schnabel desempenham uma luta entre si da qual sobram Albert e Concordia, formando uma refugação de Adão e Eva nesse paraíso tropical.<sup>9</sup>

Correspondentemente, a estrutura narrativa não pode ser a de um diário, receptáculo de balanços, reflexões e esperanças; *Insel Felsenburg* é uma imensa sequência de narrações “orais”, apresentadas mutuamente em situações sociais. Enquanto *Robinson Crusó* é um grande solilóquio pensativo, no qual o futuro permanece sempre incerto, *Felsenburg* apresenta histórias, repletas de personagens e ação, contadas retrospectivamente. Crusó pode narrar de forma linear e o leitor acompanha, passo a passo, a evolução do sujeito isolado. Schnabel

---

auch entschlossen, biß an mein Ende dem Himmel unaufhörlichen Dank abzustatten, daß er mich an einen solchen Ort geführt, allwo die Tugenden in ihrer angebohrten Schönheit anzutreffen, hergegen die Laster des Landes fast gänzlich verbannet und verwiesen sind”.

<sup>9</sup> Consequentemente, o Outro demonizado não é o selvagem canibal, mas o europeu diabólico. Um encontro erótico com uma não-europeia é “exterritorializado” na narração do Capitão Leonhard Wolfgang sobre suas aventuras anteriores à sua chegada em Felsenburg. Cf. Großklaus (2017, p. 47).

compõe seu romance por uma narrativa extradiegética (“moldura”) e uma série de narrativas intradiegéticas, de interrupções e continuações, de analepses e prolepses.

Sendo Robinson solitário, a chegada de Sexta-Feira é um momento altamente emocional e crucial para o desenvolvimento da trama e dos dois protagonistas, seu desenvolvimento narrativo uma fonte de análises rica para a relação entre senhor e servo, colonizador e colonizado, Eu e Outro. A ilha Felsenburg é deserta e fica isolada no Atlântico Sul: portanto, a ilha não conhece nem selvagens, nem canibais. Há, porém, um elemento que corresponde de forma cômica à estrutura do romance inglês. Quando o casal primordial se consolida no centro da sua terra, eles conseguem domesticar um macaco jovem que depois atrai outros exemplares da sua espécie a se aproximarem dos homens. Daí começa uma “educação dos macacos”, que se subordinam, aprendem princípios básicos de ordem e até se prestam a trabalhar nas plantações. Por um lado, esse elemento é uma paródia grotesca da constelação bastante séria do original. Por outro, sua presença comprova que a estrutura desse paraíso utópico exige que os homens subjuguem outros seres para serem realmente produtivos. Não apenas os animais amansados se comportam como domésticos e trabalhadores, sendo tratados como seres inteligentes,<sup>10</sup> mas seus irmãos selvagens são também combatidos, numa verdadeira guerra, como ladrões e “povão vagabundo” (*loses Gesindel*), com artilharia resgatada do navio (SCHNABEL, 2002, p. 242).

A religião protestante é igualmente um recurso importante na concepção dos dois livros e dos seus protagonistas. Entre os bens salvos do navio encalhado encontra-se nos dois casos a Bíblia, que desempenha um papel relevante na trajetória dos naufragos: fornece a base ética para

---

<sup>10</sup> “No meio da vindima morreram nossos dois macacos mais velhos em poucos dias um após o outro, nós lamentamos esses dois animais muito inteligentes, mas nos permaneceram quatro casais para nosso atendimento porque os primeiros três casais se reproduziram fortemente, dos quais eu, no entanto, deixei viver só dois casais de macacos jovens e afoguei os demais clandestinamente para que a sociedade não ficaria demasiado poderosa e prepotente.” (SCHNABEL, 2002, p. 254 s., tradução nossa)

“Mitten in der Weinlese starben unsere 2. ältesten Affen, binnen weniger Tage kurz auf einander, wir bedauerten diese 2. klügsten Thiere, hatten aber doch noch 4. Paar zu unserer Bedienung, weil sich die ersten 3. Paar stark vermehret, wovon ich aber nur 2. paar junge Affen leben ließ, und die übrigen heimlich ersäuffte, damit die Gesellschaft nicht zu mächtig und muthwillig werden möchte”.

o comportamento e a convivência; é a fonte de consolo e de esperança para os seres humanos. Na realidade, há mais do que uma Bíblia, como escreve Defoe:

[...] penas, tinta e papel, vários pacotes [...], mapas e livros de navegação; que reuni para trazer, sem pensar se os queria todos ou não. Encontrei também três Bíblias muito boas, que me tinham chegado da Inglaterra e que juntei à minha bagagem; também alguns livros portugueses, entre eles dois ou três livros de orações católicas papistas e vários outros livros; que carreguei em segurança para a terra. (DEFOE, 2011, p. 119)

Uma dessas Bíblias será usada depois na maneira de Santo Agostinho: lendo um trecho aparentemente arbitrário, relacionando este à situação pessoal e, dessa maneira, estabelecendo um vínculo virtualmente direto com Deus. Depois dessa “revelação”, intensificada pelo uso de tabaco, começa uma leitura sistemática do Novo Testamento e a conversão do protagonista de homem secular e pecaminoso a crente fiel.

Na trama de *Felsenburg*, há só algumas conversões relacionadas a personagens secundários. No início do romance, o caráter dos protagonistas é claramente definido: Albert Julius, seu amigo van Leuven e Concordia são pessoas virtuosas (e bons protestantes) – o capitão francês Lemelie é um criminoso cuja maldade satânica se revela paulatinamente quando assassina van Leuven e depois conta o registro de seus crimes. Quando está morto, o casal que sobra pode começar sua vida e seu matrimônio por vias cristãs e na segurança da sua benevolência, educando sua prole do mesmo jeito; o nome Concordia da mulher é programático. As pessoas recebidas de fora da ilha são comprovadas igualmente, mediante a narração das suas biografias, como bons cristãos e homens do bem. Evidentemente, a ilha tem que “importar” pessoas para evitar incestos entre os descendentes de Albert e Concordia. O matrimônio, por outro lado, é uma necessidade para canalizar os “impulsos naturais” dos homens nos moldes do sacramento sagrado.

É, aliás, curioso que os dois livros que marcam, de certa forma, o começo do romance europeu, apresentam mundos fictícios nos quais não existem outros livros além da Bíblia. Os “livros portugueses, dois ou três breviários papistas e os vários outros livros” em *Robinson Crusóe* não são mencionados no percurso da história, ou seja: são irrelevantes, não têm função para a evolução do sujeito. Da mesma forma, Schnabel

destaca a importância da Bíblia, acrescentada pelo catecismo e hinários protestantes; quando a comunidade cresce, o patriarca Albert encomenda “200 Bíblias alemãs, 100 em inglês, 400 livros de corais e orações, além de outros livros úteis, tanto profanos quanto espirituais”, que seu parente Eberhard deve levar para a ilha (SCHNABEL, 2002, p. 35). Aqui também, os outros livros não são considerados depois, mas a Bíblia ocupa seu lugar fundamental para a manutenção da ordem na comunidade. Podemos deduzir que essas narrativas ficcionais que dispararam a produção inflacionária de romances e a proliferação frenética da leitura de ficções partem, elas mesmas, de um mundo no qual não há lugar para a ficção. De fato, a ética que eles propagam está em contradição com aquilo que, segundo as críticas da época, é o efeito da leitura de romances: ociosidade, estímulo de fantasia, sedução para o hedonismo e desobediência. Robinson não poderia sobreviver no seu ambiente lendo o *Robinson*. Os habitantes de Felsenburg podem só ouvir os relatos sobre crimes, corrupção e aventuras amorosas dentro de uma situação social segura que condena todos os desvios do caminho da virtude. Consequentemente, os críticos conservadores do século XVIII censuram a leitura tanto de Defoe, quanto de Schnabel. Isso muda na segunda metade do século; Rousseau até sugere a leitura de *Robinson Crusoe* como parte integral da educação do seu Émile. Poucas décadas depois, a leitura de ficção terá um lugar eminente na vida dos protagonistas e no discurso literário como comprova a emblemática exclamação “Klopstock!” de Lotte no *Werther* (1774) de Goethe. E no conto satírico *Bonifaz Schleicher* (1776), de Wieland, a esposa do protagonista não pode acreditar que “além da Bíblia, seu livro de comunhão, o calendário, o *Prudente funcionário*, *Insel Felsenburg* e os *Diálogos no reino dos mortos* (que constituíram a biblioteca do seu marido) podia existir outro livro impresso no mundo” (*apud* MEID; SPRINGER-STRAND, 2002, p. 595). Isso mostra definitivamente que o próprio romance de Schnabel, trinta anos após sua publicação, pertenceu a um cânone conservador que não ameaçava a ordem política e religiosa.

### **Uma utopia protestante**

A prevalência de princípios religiosos para a convivência dos colonos é evidente. Apesar das ressalvas contra o papismo, a narrativa não discrimina uma confissão em particular. O matrimônio de Albert e Concordia é uma união interconfessional (ele luterano, ela reformada)

e o falecido náufrago espanhol, Don Cyrillo de Valaro, que vivia na ilha décadas antes da chegada do casal, é desenhado de um modo inteiramente positivo, a despeito da sua fé católica. Favorecidos pela natureza paradisíaca, a isolamento geográfica da ilha e a ausência das opressões de um estado absolutista estratificado, os colonos podem realizar uma vida sem ameaças externas. Internamente, os conflitos são moderados pela religião compartilhada e suas normas de conduta aceitas voluntariamente. Além da ortodoxia luterana houve, no século XVIII, a forte vertente do pietismo, inclusive da escola de Halle, onde Schnabel foi educado. Era natural que a crítica visse sobretudo essa influência religiosa no romance e na constituição da comunidade utópica. De fato, a estrutura narrativa dos relatos pessoais dos diversos personagens tem um caráter confessional; relatar como o elemento divino interveio na própria vida era um dos elementos mais importantes nas reuniões dos fiéis pietistas. O sexto livro do *Wilhelm Meister, Confissões de uma bela alma*, é o exemplo mais famoso desse gênero. Ainda que a maioria dos colonos sejam pessoas virtuosas e não passem por uma conversão completa, suas histórias são geralmente marcadas por acontecimentos que eles podem associar à intervenção divina. Ter sido salvo de um naufrágio ou de um crime e ter encontrado o paraíso terreno da ilha é para eles um motivo para elogiar a bondade de Deus. A comunidade nessa ilha remota apresenta também certa semelhança com as fundações pietistas em Herrnhuth e nas colônias norte-americanas (SENGLE, 2005, p. 133 s.).

Num estudo recente, Heidi Nenoff (2016) analisou profundamente os contextos discursivos do romance, sobretudo os teológicos e políticos. Segundo a estudiosa (NENOFF, 2016, p. 27), é difícil identificar, no romance, uma tendência claramente pietista, uma vez que essa corrente nem pode ser distinguida de maneira rígida da ortodoxia reformista do luteranismo. Ao mesmo tempo, Nenoff relaciona os princípios éticos praticados pelos habitantes de Felsenburg a uma *praxis pietatis*, a religiosidade praticada e vivida de acordo com os escritos de autores da época como Ludwig von Seckendorff e Gottfried Arnold, sendo o primeiro um representante da ortodoxia reformista e o segundo um pietista radical (2016, p. 406). De fato, o pastor Schmeltzer, que chega à ilha por convite do patriarca Albert Julius, realiza o culto de acordo com a “pura Igreja Evangélica-Luterana” e celebra a transubstanciação da hóstia e do vinho em carne e “sangue verdadeiro” (SCHNABEL, 2002, p. 411), em vez de forma simbólica como era praxe na vertente reformada. A assembleia de

todos habitantes e sua confissão pública antes do culto também remetem a uma religiosidade bastante mais aprofundada e, ao mesmo tempo, subjetivada e socializada como geralmente se atribui ao pietismo.

O narrador geral Eberhard e os narradores intradiegeticos comparam Felsenburg muitas vezes ao Paraíso e sua comunidade à da Nova Jerusalém. Não se tratam de simples metáforas que ocorrem na narrativa, mas de referências que ligam o estado utópico de Felsenburg com crenças de índole religiosa e filosófica. As leituras bíblicas do culto oficial celebrado por Schmeltzer se referem à entrada de Cristo em Jerusalém, à profecia de Isaías sobre a salvação de Sião (Isaías 62:11), e realçam a convicção de que essa comunidade encarna um estado de felicidade humana.

No mesmo sentido comenta Nenoff (2016, p. 406, tradução nossa):

O ideal da primeira igreja cristã [...], postulado pelos felsenburgenses, se caracteriza por uma piedade particular dos membros que não só confessam sua fé, mas também agem de acordo.<sup>11</sup>

Consequentemente, esse paraíso reencontrado não oferece um estado anterior ao pecado original, mas exige trabalho para o sustento dos colonos. Como comenta Voßkamp (1995, p. 181, tradução nossa):

Aos recém-chegados, a “bela paisagem” parece como “paraíso terrestre” e como “terra prometida”. Os paralelos ao Jerusalém celeste e as alusões ao paraíso bíblico encontram-se em muitos trechos do romance. Ao mesmo tempo, esse paraíso (reencontrado) apresenta traços modernos. O lugar ideal da história da salvação se vincula com as qualidades de uma nova civilização sensata, determinada por trabalho.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> “Das von den Felsenburgern postulierte Ideal der frühen christlichen Kirche, bei der die ersten Christen noch Verfolgte waren, zeichnet sich durch eine besondere Frömmigkeit ihrer Mitglieder aus, die sich nicht nur zum Glauben bekennen, sondern auch danach handeln”.

<sup>12</sup> “Den auf der Insel Neuankommenden erscheint die „schöne Gegend“ als ein „irdisches Paradies“ und als „gelobtes Land“. Parallelen zum himmlischen Jerusalem und Anspielungen auf das biblische Paradies finden sich an vielen Stellen des Romans. Gleichzeitig offenbart dieses (wiedergefundene) Paradies moderne Züge. Der heilsgeschichtliche Idealort verbindet sich mit Eigenschaften einer neuen, durch Arbeit bestimmten, „vernünftigen“ Zivilisation”.



O trabalho, a produtividade de cada um, pode ser visto como o aspecto do protestantismo que teve as maiores consequências, investigado, entre outros, por Max Weber. Ao mesmo tempo é a base da identidade da nova classe em surgimento no século XVIII. Tal como Robinson Crusoe consegue criar seu refúgio baseado completamente no trabalho, os felsenburgenses prosperam a partir do labor das suas mãos. É evidente que a aristocracia deve ser excluída desde o início.

As novas regras que valem na ilha são esclarecidas logo quando o capitão Lemelie acusa os outros dois sobreviventes masculinos de roubo, quando eles resgatam os bens da carcaça. Van Leuven, de origem nobre como o capitão, responde: “[...] os tempos mudaram, infelizmente, seu comando chegou ao fim, entre nós três vale um tanto como o outro, a maioria dos votos vige, os alimentos e as outras coisas são comunitários [...]” (SCHNABEL, 2002, p. 140, tradução nossa).<sup>13</sup> Os bens são partilhados de forma igualitária, decisões são tomadas de forma paritária entre os homens. Todos devem esforçar-se igualmente para o sustento do grupo. Mas não basta que o nobre mude sua atitude e se comporte como um burguês. Analisando os esquemas vigentes na descrição dos personagens, Fotis Jannidis (1996) constata que a figura do maldoso, Lemelie, representa uma vertente da aristocracia que se define por privilégios, enquanto que van Leuven entende sua aristocracia como *ethos*. No entanto, não é suficiente banir os privilégios. Os dois nobres morrem e, assim, o autor os elimina da nova comunidade, uma vez que sua pertinência à aristocracia define

direitos e ofícios particulares. Só após a morte de ambos, uma estrutura social pode ser estabelecida, que está fundada exclusivamente no modelo da família e da casa inteira [*ganzes Haus*].<sup>14</sup> Desse feito, a comunidade de Felsenburg começa com

---

<sup>13</sup> “[...] die Zeyten haben sich leyder! verändert, euer Commando ist zum Ende, es gilt unter uns dreyen einer so viel als der andere, die meisten Stimmen gelten, die Victualien und andern Sachen sind gemeinschaftlich, will der 3te nicht was 2. haben wollen, so mag er elendiglich crepiren.”

<sup>14</sup> “*Ganzes Haus*” significa, na sociologia e historiografia alemã, a família extensa, que inclui empregados domésticos e trabalhadores sem laços sanguíneos; todos são unidos pelo lugar e a economia (o *oikos*) que juntam suas vidas. De forma geral, essa concepção é atribuída a formações sociais pré-modernas.

a abolição de diferentes modelos de personalidade (JANNIDIS, 1996, p. 89 s., tradução nossa).<sup>15</sup>

É interessante que Lemelie reconhece que o naufrágio e a isolamento de três homens e uma mulher numa ilha isolada permitem que eles vivam de acordo com regras definidas por eles mesmos, sem respeito a qualquer ordem divina ou profana; assim ele sugere que se compartilhe a única mulher: “uma vez que, nesse lugar, não estamos sujeitos a nenhuma autoridade terrestre e não corremos risco de ficar incomodados por ninguém; assim podemos fazer as leis segundo nosso prazer [...]” (SCHNABEL, 2002, p. 156, tradução nossa).<sup>16</sup> Isso é rejeitado imediatamente por van Leuven, para o qual os direitos divinos e profanos continuam em vigor. No entanto, a constatação do personagem Lemelie – que depois revelará seu satanismo – mostra a possibilidade de pensar uma ruptura radical com as ordens tradicionais.

Os valores que reinam em Felsenburg correspondem àqueles da burguesia protestante. Para citar novamente Klaus Voßkamp (1995, p. 181, tradução nossa):

A instituição da república de virtudes (*Tugendrepublik*) de Felsenburg pressupõe a autodisciplina dos sujeitos. Sem rigorosa regulação dos afetos, o consenso utópico não pode perdurar. “Probo, casto e virtuoso” são estereótipos recorrentes de uma moralidade burguesa que se volta contra a libertinagem aristocrata e as desavenças políticas na Europa antiga. Privacidade familiar se torna a base da utopia virtuosa de Felsenburg que, dessa maneira, se destaca das formas políticas representacionais de uma esfera pública.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> “[...] da beide, sowohl van Leuven als auch Lemelie, besondere Rechte und Verpflichtungen aus ihrem Adelsstand ablesen. Erst nach dem Tod beider, also auch nach dem Tod van Leuens, kann eine soziale Struktur etabliert werden, die nur noch dem Modell der Familie im ganzen Haus verpflichtet ist und damit auch die Interferenz der verschiedenen Persönlichkeitsmodelle beseitigt”.

<sup>16</sup> “[...] denn weil wir hiesigen Orts keiner weltlichen Obrigkeit unterworfen sind, auch leichtlich von Niemand beunruhigt zu werden fürchten dürffen, so können wir uns Gesetze nach eigenem Gefallen machen [...]”.

<sup>17</sup> “Die Errichtung der Tugendrepublik Felsenburg setzt die Selbstdisziplinierung der einzelnen Subjekte voraus. Ohne strenge Affektregulierung kann der utopische Konsens nicht bestehen. „Redlich, keusch und tugendhaft” (Bd. I, S. 157) sind dabei

As alusões bíblicas e a visão utópica da felicidade humana em terras tropicais são uma ficção, mas ela se alimenta de raciocínios de pensadores da época que tornam a hipótese verossímil para os contemporâneos. Desde o século XVII se formaram ideias modernas de um direito natural, que partiam de concepções diferentes do estado original dos homens como em Hobbes e Grotius. Para Samuel von Pufendorff,

O estado natural [...] não era um estado de guerra, porque todos os seres humanos provêm desse único casal Adão e Eva e, enquanto esses ancestrs primordiais e seus descendentes conviveram, seu parentesco consanguíneo e a simpatia entre todos os membros da família, resultante deste parentesco, garantiam uma convivência pacífica. (*apud* NENOFF; STOCKINGER, 2014, p. 198, tradução nossa)<sup>18</sup>

Esse estado relativamente ideal entre os primeiros homens “após a expulsão do Paraíso” teria sido um estado relativamente ideal – não contado na Bíblia – de cuja altura a humanidade teria decaído com a “crescente proliferação e difusão espacial”<sup>19</sup> (PUFENDORFF *apud* NENOFF; STOCKINGER, 2014, p. 198). Como comentam Nenoff e Stockinger (2014, p. 198), essa doutrina deve ter sido uma das fontes principais que justificava a visão do “*status naturalis libertatis*” da comunidade de Felsenburg, fundamentada em laços familiares e na atitude moral-religiosa dos seus membros. Os autores consideram também que a erosão do estado utópico após a morte do primeiro patriarca que se delineia no quarto volume pode ser relacionada a Pufendorff. Na sua monografia, Nenoff ainda coloca em destaque outros autores contemporâneos a Schnabel, como Valentin Alberti e Christian Thomasius, cuja influência

---

wiederkehrende Stereotypen einer bürgerlichen Tugendmoral, die sich gegen adlige Libertinage und politisches Intrigantentum im alten Europa wendet. Familiäre Privatheit wird zur Grundlage der ‘tugendhaften’ Felsenburg-Utopie, die sich damit kategorisch von ‘politischen’ Formen repräsentativer Öffentlichkeit abhebt”.

<sup>18</sup> “Der Naturzustand ist [...] kein Kriegszustand gewesen, weil alle Menschen von dem einen Elternpaar Adam und Eva abstammen und, solange die Ureltern und ihre Nachkommen zusammenlebten, diese Blutsverwandtschaft und die aus ihr fließende Zuneigung unter den Familienmitgliedern [...] ein friedliches Zusammenleben garantierte”.

<sup>19</sup> “[...] zunehmender Vermehrung und räumlicher Ausbreitung [...]”.

poderia ser comprovada na configuração do livro, o que reiteraria o diagnóstico de um procedimento eclético por parte do autor.

### O livro no contexto do romance e da ficção

Para Nenoff e Stockinger (2014), a utopia de *Insel Felsenburg* se afasta significativamente de modelos “clássicos” dos séculos anteriores (cf. SCHÖLDERLE, 2017), a saber, os livros de Thomas Morus, Tommaso Campanella, Francis Bacon e Johann Valentin Andreae. As diferenças são resumidas da seguinte forma:

A descrição do país não é apresentada numa ordem sistemática; antes ela está vinculada à percepção temporal e espacial dos narradores. A descrição da ordem social e política ocupa um papel relativamente menor. A história da fundação não é apresentada como façanha de um rei mítico, mas como processo de trabalho. E, finalmente: esse processo ainda não está concluído e estável no estágio temporal da narração de Eberhard Julius, mas se trata de um instantâneo de um desenvolvimento histórico que está sendo ameaçado no seu fim. O que foi omitido por completo é a inserção num diálogo político-filosófico. (NENOFF; STOCKINGER, 2014, p. 187, tradução nossa)<sup>20</sup>

Em vez de uma abstração filosófica, o romance utópico apresenta o estado ideal em forma de uma ficção realista que permite comprovar sua verossimilitude. Comparado com os romances do barroco, *Felsenburg* ainda mantém um estilo meio prolixo – denunciado como estilo de escritório (*Kanzleistil*) –, que se distingue perfeitamente da linguagem sóbria de Defoe (GRIMMINGER, 1984, p. 676). No tocante ao realismo, os personagens são consideravelmente mais planos do que Robinson

<sup>20</sup> “Die Landesbeschreibung wird nicht nach einer systematischen Ordnung präsentiert; vielmehr ist sie an die zeitliche und räumliche Wahrnehmung der Erzähler gebunden. Die Beschreibung der sozialen und politischen Ordnung spielt eine vergleichsweise geringe Rolle. Die Gründungsgeschichte wird nicht als Tat eines mythischen Königs präsentiert, sondern als Arbeitsprozess. Und schließlich: Dieser Prozess ist auf der Zeitstufe der Erzählung von Eberhard Julius noch nicht abgeschlossen und stabil, sondern die Momentaufnahme einer geschichtlichen Entwicklung, die am Ende vom Scheitern bedroht ist. Ganz weggelassen ist die Einbettung in einen politisch-philosophischen Dialog”.

Crusoé, mas, mesmo assim, Schnabel atinge um novo nível para a novela alemã. Griminger (1984, p. 677) constata “ápices de um estilo narrativo facticista”, que registra minuciosamente os detalhes de objetos, embora as descrições fiquem limitadas ao nível microestrutural, ao passo que na macroestrutura ainda dominariam os modelos do romance de aventura com as “peripécias dos episódios alternantes”.

Ao contrário disso, Voßkamp (1995, p. 181, tradução nossa) vê na

multitude das biografias inseridas uma representação multifacetada de realidades sócio-históricas europeias do século XVI até XVIII. Só dessa forma o ideal da ilha Felsenburg pode destacar-se adequadamente e aparecer como história utópica, diferentemente da história política. Além disso o dominante modo narrativo autobiográfico leva a uma individualização do entendimento da realidade que permitiu aos leitores e às leitoras contemporâneos/as tanto identificações quanto projeções.<sup>21</sup>

É evidente que o livro ocupa um lugar intermediário entre a fabulação aventuresca do século XVII e o novo realismo já atingido pelos romances ingleses da mesma época. A interrelação das diversas narrativas com o presente da Alemanha promove uma ancoragem realista da visão utópica e do mundo exótico para os leitores. Essa aproximação de ficção e realidade é obtida pela composição e pelo estilo da narrativa, mas também mediante o prefácio de “Gisander”.

Este alega ser somente o editor dos papéis recebido de Eberhard Julius, ou seja, semelhante a Daniel Defoe e muitos outros autores da época, estabelece a ficção de documentos autênticos, editados por uma pessoa talvez ela mesma fictícia, mas que afirma que o conteúdo foi verificado e corresponde a verdade histórica. Esse fenômeno é recorrente no início do século XVIII e continua sendo usado ainda por muitos autores até Goethe e, de forma paródica, E.T.A. Hoffmann. Na época de Defoe e Schnabel, essa ficção do documento editado marca o estatuto ambivalente do novo

---

<sup>21</sup> “Die Vielzahl der eingblendeten Lebensläufe erlaubt Schnabel eine mosaikartige satirisch-kritische Darstellung gesellschaftsgeschichtlicher europäischer Zustände des 16. bis 18. Jahrhunderts. Nur dadurch kann sich das Ideal der Insel Felsenburg entsprechend abheben und als eine von der politischen Geschichte differente, utopische erscheinen. Die vorherrschend autobiographische Erzählweise führt darüber hinaus zu einer Individualisierung des Verständnisses von Realität, die den zeitgenössischen Lesern und Leserinnen sowohl Identifikationen als auch Projektionen ermöglichte”.

romance realista. Seus valores literário e epistêmico são questionados por muitas vozes, particulamente do clero ortodoxo. Os prefácios, por um lado, justificam a legitimidade das histórias apresentadas alegando a veracidade dos acontecimentos. Por outro, o editor fictício constitui uma ruptura entre o autor e o conteúdo apresentado. E, como terceiro aspecto, os prefácios já estabelecem uma argumentação parcialmente velada e ambígua em favor de uma nova ficcionalidade que se assemelha à alegoria tradicional, sem reduzir-se a essa.

A ambiguidade foi evidenciada por Roman Kuhn (2018)<sup>22</sup> tanto para *Robinson Crusóé* quanto para *Insel Felsenburg*. No prefácio a *Felsenburg*, Gisander aparentemente protesta contra a hipotética suspeita que sua “história seja nada mais do que poemas (*Gedichte*), brincadeiras à moda de Luciano, lascas raspadas de robinsonadas e afins” (SCHNABEL, 2002, p. 2, tradução nossa).<sup>23</sup> Ele afirma ter recebido o pacote de escritos pessoalmente de um viajante que faleceu em decorrência de um acidente, ter verificado a “correção da história” e poder apresentar “um assunto que lhe foi comprovado como verdadeiro e não fabulado”, mas, ainda assim, ele deixa a critério do leitor “crer dele [do assunto] tanto quanto quiser” (SCHNABEL, 2002, p. 10, tradução nossa).<sup>24</sup> Se o conteúdo já se torna meio duvidoso com essas declarações, a própria forma deve ser atribuída diretamente ao editor, pois “a escrita confusa (*kunterbunte Schreiberey*) do Eberhard Julius [lhe] deu muito trabalho até que as múltiplas histórias tivessem sido postas numa ordem adequada” (SCHNABEL, 2002, p. 11, tradução nossa).<sup>25</sup>

Se essas revelações confidenciais já insinuam ao leitor que a autenticidade do texto é bastante questionável, o prefácio começa com uma certa defesa da ficção. Gisander observa:

<sup>22</sup> Sobre a polêmica acerca do estatuto ficcional ou factual de *Robinson Crusóé* na recepção contemporânea cf. também Bunia (2018).

<sup>23</sup> “[...] daß deine Geschichte keine blossen Gedichte, Lucianische Spaas-Streiche, zusammen geraspelte Robinsonaden-Späne und dergleichen sind?”

<sup>24</sup> “[...] indem ich eine Sache, die man mir mit vielen Gründen als wahr und unfabelhaft erwiesen, dennoch niemanden anders, als solchergestalt vorlegen will, daß er darvon glauben kann, wieviel ihm beliebt”.

<sup>25</sup> “Ich weiß, was mir Mons. Eberhard Julii kunterbunde Schreiberey goad formam für Mühe gemacht, ehe die vielerley Geschichten in eine ziemliche Ordnung zu bringen gewesen”.

Mas perguntando com benevolência e permissão: por que deveria-se, por causa de algumas pessoas obstinadas que leem exclusivamente verdades puras, escrever somente histórias que seriam confirmadas até o mínimo jota por um juramento físico? Por que deve uma ficção hábil (*geschickte Fiktion*) como *lusus ingenii* ser tão desprezível e condenável? Se estiver certo, os srs. teólogos consideram que na Sta. Bíblia também se encontram exemplos desse tipo e até livros inteiros. (SCHNABEL, 2002, p. 7, tradução nossa)<sup>26</sup>

O editor fictício defende que, em princípio, as críticas da ficção romanesca sejam exageradas e que a própria Bíblia contenha ficções consideradas úteis. Depois de desenvolver sua investida contra as posições conservadoras antirromance, Gisander volta a declarar que todos seus argumentos não foram apresentados para negar a veracidade da sua história:

No entanto, estou chegando aonde? Deveria incutir-te, inclinado leitor, quase a ideia como se a história presente não seja outra coisa que meras ficções? Não! isso não é minha opinião de maneira alguma, mas também ninguém deve me obrigar a prestar um juramento sobre a verdade pura dela. (SCHNABEL, 2002, p. 7 s., tradução nossa)<sup>27</sup>

A descrição do recebimento do manuscrito que segue a essa declaração adquire um estatuto frágil. Como afirma Kuhn (2018, p. 155s., tradução nossa),

---

<sup>26</sup> “Aber mit Gunst und Permission zu fragen: Warum soll man denn dieser oder jener, eigensinniger Köpfe wegen, die sonst nichts als lauter Wahrheiten lesen mögen, nur eben lauter solche Geschichte schreiben, die auf das kleinste Jota mit einem körperlichen Eide zu bestärken wären? Warum soll denn eine geschickte Fiktion, als ein *Lusus Ingenii*, so gar verächtlich und verwerflich sein? Wo mir recht ist, halten ja die Herren Theologi selbst davor, daß auch in der heil. Bibel dergleichen Exempel, ja ganze Bücher, anzutreffen sind”.

<sup>27</sup> “Allein, wo gerate ich hin? Ich sollte dir, geneigter Leser, fast die Gedanken beibringen, als ob gegenwärtige Geschichte auch nichts anders als pur lautere Fiktiones wären? Nein! dieses ist meine Meinung durchaus nicht, jedoch soll mich auch durchaus niemand dahin zwingen, einen Eid über die pur lautere Wahrheit derselben abzulegen”.

a alegação da verdade pelo editor perde relevância diante da narração do manuscrito e coloca, em vez disso, a inserção narrativa de um manuscrito no centro (Gisander não afirma, em nenhum momento, a verdade daquilo que o texto que segue representa.).<sup>28</sup>

Em vez de afirmar ou negar a factualidade da história, o prefácio “pode ser lido como negociação de posições e da apresentação de opções de leitura, das quais nenhuma é preferida ostensivamente” (KUHN, 2018, p. 156, tradução nossa).<sup>29</sup> À diferença de Defoe, que aparece ele mesmo como editor dos manuscritos de *Crusoé* e, portanto, como “editor fingido” (WIRTH, 2008), Schnabel coloca no paratexto do livro um “Gisander”, ou seja um “editor fictício”, que desenvolve, por sua vez, uma narrativa relativamente plausível sobre a origem do manuscrito e desestabiliza sua veracidade por distanciamentos e uma defesa da ficção.

## Conclusão

No espaço restrito deste artigo não era possível apresentar mais do que traços grossos do romance de Schnabel e tocar algumas abordagens importantes da germanística. É evidente que, para leitores atuais, o valor literário do *Robinson Crusoé* é incomensuravelmente maior. Mas isso não significa que a obra alemã seria menos interessante e não albergaria muitos aspectos que ainda merecem estudos dedicados. Já o grande número de monografias e artigos publicados nas últimas três décadas mostra a riqueza do livro e a dificuldade de reduzi-lo às fórmulas simples que constam nas histórias da literatura.

---

<sup>28</sup> “[...] bei der die Wahrheitsbeteuerung des Herausgebers gegenüber der Erzählung der Geschichte des Manuskripts an Bedeutung verliert (Gisander behauptet schließlich an keiner Stelle, die Wahrheit des im nachfolgenden Text Dargestellten) und stattdessen eine narrative Einbettung der Geschichte eines Manuskripts ins Zentrum rückt”.

<sup>29</sup> “Gisanders explizite Thematisierung des (fraglichen) Status des nachfolgenden Textes lässt sich damit als Verhandlung von Positionen und Aufzeigen von Lektüremöglichkeiten lesen, von denen allerdings ostentativ keine bevorzugt wird”.



## Referências

BASSLER, Moritz. Zeichen auf der Kippe. Aporien des Spätrealismus und die Routines der Frühen Moderne. In: BASSLER, Moritz. (org.). *Entsagung und Routines*. Berlin; New York: de Gruyter, 2013. p. 3-21. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110331660>

BRÜGGEMANN, Fritz. *Utopie und Robinsonade: untersuchungen zu Schnabels Insel Felsenburg (1731-1743)*. Weimar: Duncker, 1914.

BUNIA, Remigius. Uma história moral da ficção. In: GALLE, Helmut P. E.; PEREZ, Juliana P.; PEREIRA, Valéria S. (org.). *Ficcionalidade: uma prática cultural e seus contextos*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018. p. 95-109.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Brasília: Congresso Nacional, 2008. v. 2.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

FRIEDRICH, Hans-Edwin. Fiktionalität im 18. Jahrhundert. Zur historischen Transformation eines literaturtheoretischen Konzepts. In: WINKO, Simone; JANNIDIS, Fotis; LAUER, Gerhard (org.). *Grenzen der Literatur. Zu Begriff und Phänomen des Literarischen*. Berlin; New York: de Gruyter, 2009. p. 338-373.

GOETHE, Johann Wolfgang. *De minha vida: poesia e verdade*. Tradução de Mauricio Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GRIMMELSHAUSEN, Hans Jakob Christoffel von. *O aventureiro Simplicissimus: isto é: a descrição da vida de um singular vagante chamado Melchior Sternfels von Fuchshaim, onde e com que aspecto ele veio a este mundo, o que nele viu, aprendeu, experimentou e sofreu, e também por que voluntariamente o abandonou*. de leitura sumamente divertida e a todos proveitosa. dado a lume por german schleifheim von sulsfort. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GRIMMINGER, Rolf. Roman. In: GRIMMINGER, Rolf. (org.). *Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur vom 16. Jahrhundert bis zur Gegenwart*, v. 3, *Deutsche Aufklärung bis zur Französischen Revolution 1680-1789*. München: dtv, 1984. p. 635-715.

GROSSKLAUS, Götz. *Das Janusgesicht Europas: Zur Kritik des kolonialen Diskurses*. Bielefeld: transcript, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14361/9783839440339>

GUTHKE, Karl S. Die Reise ans Ende der Welt: Tristan da Cunha in Literatur und Reiseberichten. In: GUTHKE, Karl. S. *Die Reise ans Ende der Welt: Erkundungen zur Kulturgeschichte der Literatur*. Tübingen: Francke, 2011, p. 5-81. DOI: <https://doi.org/10.37307/j.1866-5381.2010.01.03>

HETTNER, Hermann. *Robinson und die Robinsonaden*. Wien: Hertz, 1854.

HÖPPNER, Stefan. Johann Gottfried Schnabels *Insel Felsenburg* und die Tradition der utopischen Insel. In: SCHUBERT, Gerd (hrsg.). *Jahrbuch der Johann-Gottfried-Schnabel-Gesellschaft*. St. Ingbert: Röhrig Univeristy Press, 2006-2008. v. 9, p. 9-36.

INSEL FELSENBURG. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Insel\\_Felsenburg](https://de.wikipedia.org/wiki/Insel_Felsenburg). Acesso em: 10 jun. 2020.

JANNIDIS, Fotis. ‚Individuum est ineffabile‘. Zur Veränderung der Individualitätssemantik im 18. Jahrhundert und ihrer Auswirkung auf die Figurenkonzeption im Roman. *Aufklärung*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 77-110, 1996.

KOVAL, Martín Ignacio. Las utopías recononárias: *La isla Felsenburg y El Verano tardío*. *Cerrados*, Brasília, v. 39, p. 272-280, 2015.

KUHN, Roman. *Wahre Geschichten, frei erfunden. Verhandlungen und Markierungen von Fiktion im Peritext*. Berlin; Boston: de Gruyter, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110578942>

LESSING, Gotthold Ephraim. *Werke 1754-1757: Werke und Briefe in zwölf Bänden*. [S.l.]: Deutscher Klassiker Verlag, 2003. v. 3.

MEID, Volker; SPRINGER-STRAND, Ingeborg. Nachwort. In: SCHNABEL, Johann Gottfried. *Insel Felsenburg: Erstes Buch*. Stuttgart: Reclam, 2002. p. 593-606.

MORITZ, Karl Philipp. *Anton Reiser: um romance psicológico*. Tradução de José Feres Sabino. São Paulo: Carambaia, 2018.

NENOFF, Heidi. *Religions - und Naturrechtsdiskurs in Johann Gottfried Schnabels „Wunderliche FATA einiger Seefahrer“*. Leipzig: Leipziger Universitätsverlag, 2016.

NENOFF, Heidi; STOCKINGER, Ludwig. Johann Gottfried Schnabels Insel Felsenburg (1731-1743). Christlich-naturrechtliche Utopiekonzeption im narrativen Praxistest. In: SCHÖLDERLE, Thomas. (org.). *Idealstaat oder Gedankenexperiment?: Zum Staatsverständnis in den klassischen Utopien*. Baden-Baden: Nomos, 2014. p. 185-204.

RAKOW, Christian. *Die Ökonomien des Realismus: Kulturpoetische Untersuchungen zur Literatur und Volkswirtschaftslehre 1850-1900*. Berlin: de Gruyter, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110292916>

SCHMIDT, Arno. *Leviatã ou O melhor dos mundos seguido de Espelhos negros*. Tradução de Mário Gomes. Lisboa: Abysmo, 2017.

SCHNABEL, Johann Gottfried. [*Die Insel Felsenburg*] *Wunderliche Fata einiger See-Fahrer, absonderlich ALBERTI JULII, eines gebohrnen Sachsens, Welcher in seinem 18den Jahre zu Schiffe gegangen, durch Schiff-Bruch selb 4te an eine grausame Klippe geworffen worden, nach deren Übersteigung das schönste Land entdeckt, sich da-selbst mit seiner Gefährtin verheyrahet, aus solcher Ehe eine Familie von mehr als 300. Seelen erzeuget, das Land vortrefflich angebauet, durch besondere Zufälle erstaunens-würdige Schätze gesamlet, seine in Teutschland ausgekundschaftten Freunde glücklich gemacht, am Ende des 1728sten Jahres, als in seinem Hunderten Jahre, annoch frisch und gesund gelebt, und vermuthlich noch zu dato lebt, entworffen Von dessen Bruders-Sohnes-Sohnes-Sohne, Mons. Eberhard Julio, Curieusen Lesern aber zum vermuthlichen Gemüths-Vergnügen ausgefertiget, auch par Commission dem Drucke übergeben Von GISANDERN*. Nordhausen: Johann Heinrich Groß, 1731.

SCHNABEL, Johann Gottfried. *Insel Felsenburg*: Erstes Buch. Edição de Volker Meid e Ingeborg Springer-Strand. Stuttgart: Reclam, 2002.

SCHNABEL, Johann Gottfried. *Insel Felsenburg: Wunderliche Fata einiger Seefahrer*. Organização de Marcus Czerwionka. Frankfurt am Main: Zweitausendeins, 1997. (Haidnische Alterthümer).

SCHÖLDERLE, Thomas. *Geschichte der Utopie: Eine Einführung*. 2. ed. Köln; Weimar; Wien: Böhlau Verlag, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5771/9783845246482>

SCHÖNERT, Jörg. Wezels und Campes Bearbeitung des „Robinson Crusoe“. Zur literarischen Durchsetzung des bürgerlichen Wertkomplexes ›Arbeit‹ in der Literatur des späten 18. Jahrhundert. In: SCHÖNERT, Jörg. *Perspektiven zur Sozialgeschichte der Literatur. Beiträge zu Theorie und Praxis*. Tübingen: Niemeyer, 2007. p. 97-112.

SCHUBERT, Gerd. Schnabel, Johann Gottfried. *Neue Deutsche Biographie*, 2007. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd118609475.html#ndbcontent>, p. 274-276. Acesso em: 10 set. 2020.

STOCKINGER, Ludwig. *Ficta respublica: Gattungsgeschichtliche Untersuchungen zur utopischen Erzählung in der deutschen Literatur des frühen 18. Jahrhunderts*. Tübingen: Niemeyer, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783111632681>

STOCKINGER, Ludwig. Johann Gottfried Schnabel und die Kunst des „Utopischen Erzählens“ im 18. Jahrhundert. In: SCHUBERT, Gerd. (hrsg.). *Jahrbuch der Johann-Gottfried-Schnabel-Gesellschaft*. St. Ingbert: Röhrig Univeristy Press, 2013-2017. v. 11, p. 7-35.

TIECK, Ludwig. Vorrede zur neuen Ausgabe der Insel Felsenburg. In: SCHNABEL, Johann Gottfried. *Insel Felsenburg: Erstes Buch*. MEID, Volker; SPRINGER-STRAND, Ingeborg (ed.). Stuttgart: Reclam, 2002. p. 533-564.

VOSSKAMP, Wilhelm (ed.). *Utopieforschung. Interdisziplinäre Studien zur neuzeitlichen Utopie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1982. v. 2.

VOSSKAMP, Wilhelm. Die Macht der Tugend – Zur Poetik des utopischen Romans am Beispiel von Schnabels Insel Felsenburg und von Loens Der redliche Mann am Hofe. In: VERWEYEN, Theodor. (org.). *Dichtungstheorien der deutschen Frühaufklärung*. Tübingen: Niemeyer, 1995.

VOSSKAMP, Wilhelm. *Emblematik der Zukunft: Poetik und Geschichte literarischer Utopien von Thomas Morus bis Robert Musil*. Berlin; Boston: de Gruyter, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110966633-014>

WAGNER-EGELHAAF, Martina. *Die Melancholie der Literatur: Diskursgeschichte und Textfiguration*. Stuttgart: Metzler, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-476-03696-4>

WEBER, Ernst. Schnabel, Johann Gottfried. In: KILLY, Walter. (org.). *Literaturlexikon. Autoren und Werke deutscher Sprache*. München: Bertelsmann, 1993. v. 10, p. 327-329.

WIEDEMANN, Conrad; BARNER, Wilfried; STENZEL, Jürgen (org.). Frankfurt a. M.: Deutscher Klassiker Verlag, 2003.

WIRTH, Uwe. *Die Geburt des Autors aus dem Geist der Herausgeberfiktion. Editoriale Rahmung im Roman um 1800: Wieland, Goethe, Brentano, Jean Paul und E.T.A. Hoffmann*. München: Wilhelm Fink, 2008. DOI: <https://doi.org/10.30965/9783846743072>

Recebido em: 27 de outubro de 2020.

Acesso em: 30 de abril de 2021.